

VOCÊS SÃO O NOSSO CONTINGENTE PARA A BATALHA CONTRA O SUBDESENVOLVIMENTO

— Presidente Samora Machel dirigindo-se a um grupo de estudantes moçambicanos em Cuba

«Vocês são as nossas sementes. São o nosso contingente para a nossa batalha contra o subdesenvolvimento» — disse o Presidente Samora Machel no encontro que teve no passado dia 18 de Agosto com o grupo de estudantes moçambicanos em Cuba que esteve de férias na sua Pátria como prémio da dedicação e engajamento no estudo.

Caracterizado por um vivo diálogo entre o Chefe de Estado e aqueles alunos, bem como os professores que os acompanhavam, o referido encontro permitiu a formulação e exposição de ideias fundamentais para o esforço que o nosso Povo hoje desenvolve destinado a vencer nesta década a batalha contra o subdesenvolvimento. Contudo, em relação particularmente aos estudantes e aos quadros afectos a todos os sectores, foram avançadas naquele rico diálogo ideias que constituem importantes directrizes para o trabalho de cada um.

«Cada um de nós nas suas tarefas não pode estagnar. Durante as aulas os professores estão a aprender também» — sublinhou o Presidente Samora Machel a determinado passado daquele diálogo para, de seguida, adiantar:

«Basicamente há duas formas de dar uma aula. Há uma forma autoritária e estática de transmitir os conhecimentos, que exprime o espírito de sabe-tudo. E há uma forma dialéctica de dar uma aula em que o professor, ao dar a aula, aprende. Aprende das perguntas dos alunos e aprende também a forma fácil de comunicar, a forma de transmitir os seus conhecimentos. Aprende as dificuldades de compreensão que os alunos manifestam. Estas dificuldades são expressão das próprias insuficiências do professor.»

Muitas afirmações que, como esta, contêm valiosas e oportunos ensinamentos não só para os quadros do ensino, mas também de todos os sectores foram feitas naquele encontro. Por essa razão passamos a transcrever seguidamente aquele rico e profundo diálogo:

PRESIDENTE DA REPÚBLICA — Como estão? Quem são os professores? (dirigindo-se a um dos professores) Onde nos conhecemos?

PROFESSOR — Estive com Sua Excelência o Presidente da República no Congo em Dezembro de 1974.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA — (indicando outro professor): — E você?

PROFESSOR — Sua Excelência viu-me em Cuba. Eu era responsável do Grupo Cultural que se exibiu quando Sua Excelência visitou a nossa escola.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA — (dirigindo-se a um grupo de alunas): — Meninas, já falam e escrevem espanhol?

UMA MENINA — Falamos...

OUTRA MENINA — Mas escrevemos mais em português.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA — O espanhol é uma língua muito eloquente, muito comunicativa. Quando os de língua espanhola falam, as pessoas entusiasma-se, batem palmas, embora não compreendam a língua. Isto é devido à força que ela possui.

LIBERTAR A LINGUA

A língua portuguesa é fraca, não aquece com a mesma força. Só as ex-colónias, libertando-se, estão a modificar a língua, em particular Moçambique e Angola.

Estamos a enriquecer a língua portuguesa. Temos uma grande audiência nas conferências internacionais, pela força que damos à língua portuguesa no conteúdo das nossas intervenções.

Ao fazermos da língua portuguesa uma língua de libertação nós introduzimos-lhe uma nova riqueza libertadora e comunicativa, uma nova dimensão universal.

A língua, quando é falada por um povo livre transforma-se. A língua espanhola, por exemplo, é diferente quando é falada pelo Presidente Fidel Castro e por um ditador fascista da América do Sul.

Uma língua viva e libertada comunica para além dos limites do significado de cada palavra. O português não deixava o aluno ter uma visão clara e global da vida. Ainda hoje lutamos contra essa herança.

A língua constituía instrumento para compartimentar o nosso conhecimento. Obrigá-vos a decorar, amarrá-vos com as regras rígidas da construção gramatical, limitavam e impediam até o nosso espírito inventivo, a nossa criatividade.

Se vocês concluírem o ensino secundário e, posteriormente, o ensino superior passarão a pensar também em espanhol e não só em português. E isso é uma coisa boa.

Vocês não podem subestimar a língua que vos oferece a visão do Mundo, os conhecimentos científicos, a explicação dos fenómenos. Se subestimarmos o meio de expressão, estamos a pôr obstáculos ao nosso conhecimento.

O PENSAMENTO E A LINGUA

O vosso pensamento, o pensamento de cada um de nós fica coxo quando não tem a possibilidade de se exprimir globalmente. Por isso, quando se estuda, é preciso estudar-se bem a língua na qual os conhecimentos nos são transmitidos. É preciso estudá-la a sério, é preciso estudá-la para a dominarmos integralmente.

O nosso pensamento, a nossa capacidade de pensar só ficam enriquecidos com isso.

Posso dar-vos um exemplo concreto do nosso País: temos alguns responsáveis que estudaram no estrangeiro, alguns em língua francesa, outros noutras línguas.

Por exemplo, o Camarada Marcelino dos Santos ainda hoje pensa, nalgumas situações, em francês. Quando ele se exprime, quando ele escreve, sentimos que o seu pensamento decorre em francês.

Os franceses não dizem a palavra «efectivamente», dizem «en effet». Os que estudaram em França muitos anos é raro dizerem



«A vossa tarefa não é só de estudar. Vocês devem debater os vossos problemas para não serem mediocres. Devem, porque estão ao serviço do Povo, aprender como comunicar». A foto foi obtida durante o encontro do Chefe de Estado com aquele grupo de jovens

«efectivamente», preferem dizer, «com efeito» e às vezes, até «em efeito».

Também dizemos «implementamos as nossas decisões» que vem da palavra inglesa «implementation».

Existem outros exemplos: Na FRELIMO diz-se «en engajo-me», os portugueses dizem «eu empenho-me».

Nós, após 1970 e o acordo que fizemos com Reggio Emilia em Itália, introduzimos na nossa linguagem na FRELIMO a expressão italiana «gemellaggio» que vem de «gêmeo». É uma expressão que não tem correspondente em língua portuguesa. «Gemellaggio» é um acordo em que as duas partes ficam como irmãs gémeas. Por exemplo, se um acordo entre a Universidade Eduardo Mondlane e a Universidade de Bolonha fosse celebrado na perspectiva de um «gemellaggio», as duas Universidades ficariam irmãs.

É muito importante dominarmos duas ou três línguas e mesmo mais. Isso enriquece o nosso pensamento, liberta a nossa criatividade e a nossa capacidade de expressão. Conhecendo várias línguas, é possível, para nós, encontrar o vocábulo que corresponda exactamente à ideia que nós temos, à ideia que pretendemos transmitir.

Por isso é importante, extremamente útil estudar a literatura noutras línguas.

Nas vossas escolas deve haver competições sobre quem é que fala bem nos debates. É preciso treinarmos-nos a falar bem. Treinar a capacidade de cada um em debater, em discutir. É um exercício importante. É preciso saber debater, argumentar com raciocínios sólidos, com argumentos válidos, com lógica, ter um raciocínio estruturado. É preciso exprimir-se com elegância, com beleza, com eloquência. Isso traduz um pensamento rico.

APRENDER PARA COMUNICAR

A vossa tarefa não é só de estudar. Vocês devem debater os vossos problemas para não serem mediocres. Devem, porque estão ao serviço do Povo, aprender como comunicar.

Por vezes, é preciso repetir duas, três, quatro vezes a mesma ideia, enriquecendo o seu significado, aumentando o seu conteúdo, ilustrando-a, procurando sinónimos, até que essa expressão seja perfeitamente compreendida por quem ouve.

Vocês devem aprender a escrever bem para dominar correctamente o vosso raciocínio, para o poderem transmitir através de documentos. Depois de escrever, devem ler várias vezes para apreciar e corrigir, para melhorar, para embelezar a forma como o documento está apresentado.

Mas, para que vocês se transformem em quadros, para que vocês se transformem em cidadãos conscientes das tarefas nacionais, das tarefas da nossa Revolução socialista, das tarefas da vitória sobre o subdesenvolvimento, é preciso uma organização permanente. É preciso planificação permanente, é preciso cada um programar-se a si próprio, programar o seu próprio tempo, trabalhar cientificamente.

Para que é que nós necessitamos dos conhecimentos que nos transmitem?

Que sociedade queremos construir com a ciência que aprendemos?

Por isso, nas nossas escolas em Cuba temos também professores moçambicanos.

O professor oferece-nos bases para o nosso conhecimento mas não substitui o esforço individual.

Cada um de nós nas suas tarefas não pode estagnar. Durante as aulas os professores estão a aprender também. Basicamente há duas formas de dar uma aula. Há uma forma autoritária e estática de trans-

miro. Vocês estão em Cuba onde as escolas estão organizadas para formar quadros. Quadros para servir o povo e não para explorar o povo.

Nós éramos ensinados para explorar. A escola era uma fábrica de egoístas, de individualistas, de elitistas. A escola criava e cultivava complexos. Ensinavam-nos que devíamos estudar para «sermos alguém». «Ser alguém» significava distanciar-se o mais possível do povo. Ensinavam-nos que devíamos estudar para sermos «gente grande».

Do ponto de vista da realização os quadros produzidos eram mediocres.

Do ponto de vista político, eram nulos, agiam como simples instrumentos.

Do ponto de vista da análise, eram superficiais, agiam como imitadores.

Segundo, Vocês estão em Cuba nas escolas da FRELIMO. Apesar das dezenas de milhares de quilómetros que vos separam de Moçambique, vocês estão enraizados na nossa origem.

Vocês são educados para amarem a vossa Pátria, para servirem o vosso povo. Vocês são educados para conhecerem a própria história da Resistência, da dominação estrangeira, da exploração colonial, da libertação.

A escola colonial ensinava a ter vergonha da própria origem, a esconder a profissão do pai. Ensinava a termos vergonha da nossa pobreza, de sermos filhos de pobres. Ensinava a ter vergonha se o pai era pedreiro, carpinteiro, alfaiate, mineiro, trabalhador das plantações, estivador, operário, camponês.

A escola colonial ensinava-nos a ter vergonha dos nossos pais, dos nossos pais que construíam a felicidade, o bem-estar, o progresso dos colonialistas. Em síntese, ensinavam-nos a ter vergonha da força imensa que produz a riqueza.

Éramos ensinados a admirar os exploradores e a desprezarmos os explorados. A primeira coisa que nos inculcavam eram os complexos, para prepararem o terreno para nos explorarem.

A escola colonial desenraizava-nos da nossa realidade.

Na história aprendíamos reis e dinastias de Portugal, aprendíamos a sua interacção na história da Europa e Mediterrâneo. Nada aprendíamos da história de África e da nossa zona.

Na geografia, sabíamos tudo de Portugal: rios, caminhos de ferro, divisão administrativa. Ensinavam-nos a orientação pela Estrela Polar. Aprendíamos que o Inverno era em Dezembro. Ensinavam-nos que nos campos há oliveiras e amendoeiras em flor e que aos porcos devemos dar bolota.

Tudo isto aprendíamos para vivermos em Moçambique, para aplicarmos em Moçambique.

Nas escolas da FRELIMO, em Cuba, ensinam-vos a não terem vergonha da vossa origem. A vossa escola ensina-vos a desenvolver a personalidade, a dignidade, o patriotismo e o amor ao povo.

Na escola, todas as disciplinas leccionadas estão relacionadas com a vida, as riquezas e os recursos do nosso País. O que vocês estudam será aplicado em Moçambique.

Vocês devem saber combinar o trabalho manual e o trabalho intelectual.

Na escola, vocês vão à machamba. Assim começam a criar a vida.

A machamba que cultivam e o trabalho que lá realizam são laboratório onde se seleccionam e germinam as sementes das vossas ideias. As aulas e o estudo teórico são a estu-

(Continua na página seguinte)



«Na escola vocês vão à machamba. Assim começam a criar a vida». Na foto (de arquivo), um grupo de estudantes moçambicanos na Ilha da Juventude em Cuba, depois de mais uma jornada de trabalho na machamba anexa à escola

VOCÊS SÃO O NOSSO CONTINGENTE PARA A BATALHA CONTRA O SUBDESENVOLVIMENTO

(Continuado da pág. anterior)

fa onde as ideias se nutrem e florescem. Na prática da vida as vossas ideias darão frutos e produzirão novas sementes. No terreno fértil da Revolução vocês voltarão a colher a inspiração de novas ideias que vos reforçarão como verdadeiros patriotas e combatentes ao serviço do povo.

Leram o documento «Produzir é Aprender» editado em Agosto de 1971? Abordava esta questão.

MATAR A PREGUIÇA

Terceiro. Vocês estão em Cuba para aprenderem a matar a preguiça. Porque combinam trabalho manual e intelectual, há purificação das vossas ideias. As vossas ideias não podem ficar enferrujadas. A enxada que fere constantemente a terra está sempre a brilhar. Só enferruja a enxada que não produz.

Vocês não têm tempo para se tornarem parasitas e exploradores porque estão sempre em transformação.

É o que nós queremos.

O crime é o resultado da preguiça, o produto da preguiça, o produto de um sistema escolar desligado da vida e da prática. Não é por acaso que os ladrões, os assaltantes, os marginais desprezam o trabalho manual.

Temos que matar a mentalidade deixada pelos colonialistas no nosso País. Temos que matar a ignorância para matar a fome.

Temos que dominar a ciência.

A agricultura moderna é trabalho de um cientista. O analfabeto é empírico e rotineiro. Não sabe como se trata hoje, eficientemente, uma laranjeira. Não sabe fazer cruzamentos de sementes para uma produção elevada.

Nós queremos vir a ter agrónomos só para citrinos, capazes de calcularem quantos quilos de laranja pode produzir uma laranjeira. Quantos quilos deve ter um cacho de bananas? Neste momento, as nossas bananeiras só produzem 15 kg.

Em cada hectare, quantas toneladas de milho queremos produzir? Por causa da ignorância nós produzimos 500 kg por hectare, quando se pode produzir entre 8 a 10 toneladas.

Temos que planificar quantas toneladas de arroz, trigo, algodão, açúcar podemos produzir em cada hectare.

Na Índia, cada cajueiro produz 50 kg de castanha. Os nossos produzem 5 a 6 kg.

Temos que saber quantos hectares de mapi, de feijão, de batata-doce, de batata, de vegetais, queremos produzir. Temos que saber quantas toneladas por hectare podemos produzir para que nos seja possível fazer a planificação.

Temos que planificar quantos porcos queremos criar. Por isso temos que fazer a engorda, temos que saber quantos quilos deve ter um porco.

Para produzir a manteiga, margarina e queijo temos que saber quantos litros deve dar cada vaca. Só deste modo podemos planificar quantas vacas são necessárias para garantir o fornecimento desta fábrica de lacticínios.

FORMAR QUADROS DA NAÇÃO

Quarto. Vocês estão em Cuba para se formarem como quadros e para virem formar quadros. Vocês devem tornar-se quadros programados, quadros planificadores, quadros científicos e técnicos, quadros políticos e revolucionários.

Precisamos de saber quantas barragens, quantas fábricas de tomate em calda necessitamos de construir.

Precisamos de cultivar milhares de hectares de algodão para vestir o povo, para exportar algodão, para exportar tecidos.

Tudo isto está intimamente interligado. ● segredo está na escola.

Nós não temos quadros para formarem quadros moçambicanos.

Existe contradição entre o desejo, a vontade e as disponibilidades. Nós queremos formar quadros mas as nossas possibilidades escasseiam.

Não se produz um quadro tal e qual se produz alface ou cebola. O quadro não se forma como se amassa o pão. O quadro exige tempo.

Quinto. Vocês estão em Cuba para dominarem a ciência porque a ciência vai liquidar os valores conservadores, tradicionalistas, imobilistas.

Nas escolas onde vocês se encontram já está morto o tribalismo, o regionalismo, o racismo.

Em Cuba encontram-se alunos de todas as províncias. O primeiro grupo era composto por 1.200 alunos, 120 de cada província do nosso País.

O Partido FRELIMO e o Governo da República Popular de Moçambique determinaram que nenhuma província devia ser favorecida.

Foram dadas instruções para que os alunos viessem de todos os distritos e localidades, para que nas escolas moçambicanas, em Cuba, nasça também a nação moçambicana.

Por estas razões, vocês têm sorte de estudar em Cuba.

TRANSMITIR AS EXPERIÊNCIAS

Quando vocês regressarem à República Popular de Moçambique serão professores no exército, na polícia, na segurança, na agricultura, na indústria. Irão ensinar e formar operários e camponeses.

Vocês serão trabalhadores dedicados à causa da Revolução, da Pátria, do Socialismo.

Nem todos poderão ir a Cuba como vocês.

Quando começámos a guerra de libertação éramos 230. Agora não sei quem é que não é das FPLM!

A FRELIMO, quando se formou, mandou-nos treinar na Argélia e depois nos países socialistas.

Quando regressámos do exterior, abrimos um campo de treinos a fim de transmitir os nossos conhecimentos aos outros.

Vocês, quando regressarem, deverão saber como matar a fome, a nudez, a falta de habitação.

Vocês terão que planificar como alojar o povo. O povo deve ter a sua casa, deve andar bem vestido, deve ter sapatos de boa qualidade, deve ter boa comida.

Por conseguinte, vocês devem aprender. Não podem brincar.

Cada um deve transformar-se numa semente que vai dar a nova árvore que produzirá muitos frutos. Uma semente de tomate produz muitos quilos de tomate por ano.



«Vocês estão em Cuba para se formarem como quadros e para virem formar quadros. Vocês devem tornar-se quadros programados, quadros planificadores, quadros científicos e técnicos, quadros políticos e revolucionários». Na foto (de arquivo) estudantes moçambicanos em Cuba durante uma aula de carpintaria

durante vários anos. Um caroço de manga gera a mangueira que produz dezenas de mangas por ano, durante muitos anos. Um só grão está na origem das maçarocas que anualmente um pé de milho produz.

Nós fomos as sementes da luta quando começámos a guerra de libertação. Transmitted os nossos conhecimentos, pusemos ao serviço do povo o que tínhamos aprendido no exterior. Hoje somos 13 milhões de moçambicanos livres.

Vocês são as nossas sementes. São o nosso contingente para a nossa batalha contra o subdesenvolvimento.

Nós, quando voltámos do exterior, tivemos fortes discussões sobre como compatibilizarmos os nossos conhecimentos.

Vocês encontram-se juntos. Voltarão à Pátria com um conhecimento comum, com um conhecimento moçambicano, adquirido em escolas moçambicanas.

Há muito para construir em Moçambique. Temos que construir a carboquímica e a petroquímica para aproveitarmos o gás que possuímos. Temos que construir a siderurgia e a coquearia com a energia, o ferro e o carvão que possuímos. Temos que construir fábricas têxteis, fábricas de produtos alimentares, fábricas de tratores e camiões, fábricas para o aproveitamento integral das madeiras, da cana-de-açúcar, do algodão, do caju.

Necessitamos de quadros altamente qualificados: de economistas, de químicos, de físicos, de sociólogos, de electrotécnicos, de engenheiros, de matemáticos, de médicos, de historiadores, de agrónomos, de professores, de jornalistas.

A riqueza do nosso País está adormecida. O que deixou o colonialismo?

A grande herança e a civilização deixada pelo colonialismo é a ignorância. Quadros formados na ignorância e por ignorantes, ignorantes que nos faziam mergulhar na sombra do obscurantismo, da superstição. Ignorantes que assassinavam as nossas inteligências, as nossas capacidades, o nosso espírito criador.

Que incutiam em nós o fatalismo de seres inferiores, de subdesenvolvidos, para que fôssemos os agentes da perpetuação do subdesenvolvimento. Que formavam os seus quadros para estes formarem quadros ignorantes. Quadros que alimentariam, desenvolveriam, administrariam a ignorância. Quadros que seriam os gestores da ignorância.

Mas nós queremos que a intelectualidade de cada um, de todos, se transforme numa força imensa cultural, científica e material.

É isto que devem fazer.

Vocês devem ser o baluarte da unidade nacional. Vocês são os nossos embaixadores.

Através de vocês se conhece a nossa disciplina, o nosso trabalho, a nossa personalidade nacional, a nossa determinação revolucionária, o Povo moçambicano.

Por isso vocês vieram de todos os distritos, de todas as Províncias. Lá nas vossas escolas não há tribos nem há raças. Há moçambicanos.

Há a força de combate, o exemplo de educação para os racistas.

EXEMPLO DE INTERNACIONALISMO

A República de Cuba é um exemplo para todos vós. É um país de poucos recursos naturais, sujeito ao bloqueio imperialista, em luta contra as sequelas do subdesenvolvimento. Mas é um país rico de valores culturais, de gloriosa tradição de luta.

Devido ao seu engajamento revolucionário, à sua identificação profunda com a luta dos povos oprimidos, à sua coerência internacionalista, o povo de Cuba concedeu as bolsas e criou as condições para vocês lá irem estudar. As bolsas que nos foram concedidas pelo Povo cubano constituem uma contribuição inestimável para a consolidação e desenvolvimento da Revolução Socialista no nosso País.

Devem aprender o valor da solidariedade. Devem assumir o exemplo do internacionalismo militante. Porque vocês são o símbolo da solidariedade, são o símbolo da dimensão universal da Revolução.



«A escola colonial desenraizava-nos da nossa realidade... Nas escolas da FRELIMO, em Cuba, ensinam-nos a não terem vergonha da vossa origem... todas as disciplinas leccionadas estão relacionadas com a vida, as riquezas e os recursos do nosso País. O que vocês estudam será aplicado em Moçambique». Na foto (de arquivo) aspecto de uma aula prática de química dos nossos estudantes em Cuba

Seguro contra acidentes de trabalho (I)

A GARANTIA E SEGURANÇA QUE MUITOS AINDA NÃO TÊM

Quantas pessoas por dia, entre operários nas fábricas, nas obras, camponeses nas machambas estatais, colectivas e privadas, bem como outros trabalhadores nos mais diversos sectores da actividade sócio-económica do País não perdem as mãos, os braços, os pés, as pernas e sacrificam a própria vida no seu local de trabalho ou apanham a morte demandando os empregos ou a caminho de casa? Por outro lado, quantos gestores de empresas ou ramos de actividade estarão, hoje, a dedicar a atenção devida à segurança dos seus trabalhadores e dos patrimónios à sua responsabilidade?

Dois questões que se colocam com particular acuidade nos dias que vivemos no nosso País, principalmente no limiar da Década da Vitória sobre o Subdesenvolvimento. A elas, talvez globalizando, poderíamos juntar uma terceira que seria sobre o que se pensa fazer no capítulo da Previdência Social coordenada. Todavia, vamos focalizar este apontamento de reportagem e outros que se seguirão, às primeiras duas perguntas, na perspectiva do Seguro contra Acidentes de Trabalho.

DA LEI COLONIAL A REALIDADE DE HOJE

A EMOSE (Empresa Moçambicana de Seguros) trabalha no capítulo de Acidentes de Trabalho à base de dois diplomas que remontam ao período colonial. São eles o Diploma Legislativo 1706 que data de 1957 e o Código de Trabalho Rural introduzido em 1962.

Como qualquer outra lei colonial, os

dois diplomas assentavam na discriminação baseada na cor da pele do trabalhador a segurar. É deste modo que a cobertura garantida pelo 1706, denominada para trabalhadores sindicalizados,

Testo de Pedro Tivane
Fotos de Jorge Guerreiro

tinham acesso predominantemente indivíduos de raça branca. Pretos, só nos últimos tempos da dominação colonial é que foram ganhando assento mas em número nada correspondente à sua percentagem no total de pessoas activas. A eles estava reservado o Código de Trabalho Rural que aliás teve outros nomes, tais como Código do Trabalho Indígena e Lei do Indígena.

Diga-se de passagem que, para enganar a realidade, dizia-se que o Código de Trabalho Rural era destinado aos

trabalhadores sem profissão definida, ou seja serventes, contínuos e auxiliares. Quer dizer: a lei dizia que o Diploma 1706 era para sindicalizados e o Código de Trabalho Rural era para indivíduos sem profissão definida, mas na prática, os brancos para o primeiro e os pretos para o segundo.

Num encontro que a nossa equipa de Reportagem teve com responsáveis da EMOSE, esta questão foi analisada. Luís Neves, um dos directores da empresa seguradora, diria a propósito:

«O Código de Trabalho Rural foi para contemplar a parte da população que não tinha nada. Isto foi já na última fase do próprio colonialismo. Aliás 1962 coincide já com o período em que os primeiros movimentos nacionalistas começaram a criar propaganda diplomática a nível internacional e a desencadear a luta armada de libertação.»

No caso concreto de Moçambique, a situação foi idêntica. Só a proclamação da Independência Nacional é que a veio

alterar. — A toda a gente que tem uma profissão definida aplica-se 1706. Todos os outros que não têm profissão definida estão integrados no Código de Trabalho Rural. E o caso dos contínuos, serventes, trabalhadores de cargas e descargas a quem ainda estamos a aplicar o Código de Trabalho Rural — acrescentaria Luís Neves.

Antes porém de avançar para outros capítulos, interessa recuar um pouco e ver como surge o próprio seguro contra acidentes de trabalho. Aqui veremos que ele resulta da responsabilidade civil que a entidade patronal tem sobre as pessoas que para ela trabalham. Significa que o trabalhador se, no exercício da sua actividade, tiver um acidente, tem direito a uma contemplação que corresponderá à gravidade do sinistro.

Esta responsabilidade é, em termos históricos, recente. Data dos finais do século passado e princípios deste. Antes disso não existia. Aliás, na época do es-

(Continua na página 7)



Com a queda deste elevador, esido do sétimo andar do prédio mais alto em construção na capital, meia dúzia de trabalhadores perderam a vida. A empresa tinha anulado o seguro três meses antes